

O TRATAMENTO DADO ÀS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS EM SALA DE AULA

Priscila de RESENDE
Universidade Federal de Minas Gerais
(prisciladeresende@yahoo.com.br)

Resumo: Conhecer o léxico de uma língua, de forma sistematizada, como deveria acontecer em sala de aula, contribui significativamente para que o falante desenvolva a sua competência comunicativa. No uso cotidiano da língua, em meio às diversas modalidades de comunicação, muitas vezes lançamos mão, naturalmente, de certas expressões idiomáticas. A expressão idiomática é definida por Xatara (1998, p. 149) como “uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”. Quando se trata do ensino de português como língua materna, porém, as expressões idiomáticas não ganham a devida importância, uma vez que há poucos trabalhos voltados especificamente para o tema. A partir disso, então, o presente trabalho tem como objetivo principal verificar e analisar como os livros didáticos de português do ensino fundamental II, aprovados no PNLD/2011, tratam a questão. Para tanto, foram analisadas duas coleções de livros didáticos. Em recente trabalho FERRAZ & CUNHA (2010) já abordaram tal assunto e concluíram que o trabalho com as expressões idiomáticas nos livros tem como fundamento apenas a exemplificação do que seja o sentido figurado/conotativo. Diante disso, este trabalho tem ainda como objetivo mostrar o que mudou em relação à importância devida às expressões idiomáticas no contexto de sala de aula, a partir do que consta nos livros didáticos. O estudo das expressões idiomáticas no âmbito do ensino de português como língua materna, portanto, é importante e se justifica pelo fato de que essas expressões se constituem por suas características especiais, tanto semânticas quanto lexicais, razão para amplas reflexões em torno de seu uso, bem como em torno do estudo do léxico em sala de aula.

Palavras-chave: Léxico; expressões idiomáticas; ensino; livro didático.

1- CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Expressões idiomáticas (doravante EIs) são construções com mais de um termo constituinte e que assumem um caráter metafórico. Logo, sua compreensão não ocorre apenas com o aprendizado literal dos componentes linguísticos, sendo imprescindível, também, o contexto de uso. Por serem de difícil decodificação, as expressões idiomáticas deveriam ser ensinadas. Entretanto, parece haver um preconceito em relação a esses fraseologismos pelo seu aspecto coloquial. Preconceito esse que precisa ser desfeito, já que as EIs estão presentes também em textos escritos como, por exemplo, na publicidade.

Este artigo tem como objetivo principal investigar como os livros didáticos de português, do ensino fundamental, aprovados no PNLD/2011 tratam as expressões idiomáticas. Nossa análise, portanto, incidiu sobre duas coleções didáticas: *Tudo é linguagem e Português – uma proposta para o letramento*, ambas compostas por quatro volumes.

No tocante ao tratamento dado às expressões idiomáticas nos livros didáticos, notamos que há lacunas, uma vez que há poucas atividades referentes a elas e quando elas aparecem ou

são para exemplificar e diferenciar sentido real e figurado, ou como questão de interpretação de textos nos quais aparecem ou ainda como curiosidade da língua.

2- O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA ATRAVÉS DOS TEMPOS – UM POUCO DE HISTÓRIA

O ensino da Língua Portuguesa, por muito tempo, foi sinônimo de ensino de gramática, de análise de frases soltas, descontextualizadas. A língua era vista como um sistema. Aos poucos, os textos foram sendo incorporados ao ensino, em princípio como pretexto para o ensino de gramática. “Ensinar português era ensinar o sistema linguístico, ou apresentando e fazendo aprender gramática da língua ou usando textos para buscar neles estruturas linguísticas que eram submetidas à análise gramatical.” (SOARES, 1998: 55)

Posteriormente, baseando-se na teoria da comunicação, o ensino de língua foi visto como um instrumento, ou seja, não bastava saber sobre a língua, mas a estrutura dela. Entretanto, essa concepção fracassou, porque não encontrava apoio nem no contexto político nem nas teorias vigentes.

A partir dos anos 70, começou-se a discutir sobre a importância da gramática no ensino e com isso a concepção de texto toma novas direções. O texto passa a ser tratado como algo que vai além da frase, do que está inscrito nele. A situação de produção e o contexto têm importância significativa para a compreensão do que se deseja comunicar.

As tendências mais marcantes nos estudos linguísticos contemporâneos situam-se nessa família teórica, cujo quadro foi se delineando numa trajetória histórica que vai da língua para a fala, da competência para o desempenho, do enfoque exclusivo da forma para o reconhecimento da função, da frase para o texto, do enunciado para a enunciação. (COSTA VAL, 1997:5)

Ensinar a língua materna através de exercícios estruturais e de frases soltas não faz muito sentido para os alunos, pois muitas vezes essa prática não está de acordo com o uso que eles fazem da língua. Por isso, torna-se necessário buscar alternativas para o ensino da língua materna, e suas estruturas de uma maneira contextualizada. E é nesse viés, o da contextualização do ensino, é que deve inserir o ensino do léxico, proposto no próximo item.

3- O ENSINO DO LÉXICO – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

No âmbito das discussões relacionadas à leitura e escrita se insere a questão do léxico, que é definido por Antunes (2007, p.42):

O léxico é um conjunto relativamente extenso de palavras, à disposição dos falantes, as quais constituem as unidades de base com que construímos o sentido de nossos enunciados. (...) É mais do que uma lista de palavras à disposição dos falantes. É mais do que um repertório de unidades. É um depositário dos recortes com que cada comunidade vê o mundo, as coisas que a cercam, o sentido de tudo.

Diante disso, podemos perceber que é tarefa da escola desenvolver a competência lexical do aluno. É preciso que o discente tenha consciência de que conhecer uma palavra significa perceber a sua posição dentro da língua, associando a outras e conhecendo os seus vários significados. Nesse contexto, o estudo dos itens lexicais de uma língua precisa ser visto como um recurso comunicativo que completaria as necessidades dos aprendizes, que irão fazer parte das suas estratégias de uso da língua para objetivos da comunicação.

Com relação ao ensino do léxico os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p.79) sugerem que:

O ensino com o léxico não se reduz a apresentar sinônimos de um conjunto de palavras desconhecidas pelo aluno. Isolando a palavra e associando-a a outra apresentada como idêntica, acaba-se por tratar a palavra como "portadora de significado absoluto", e não como índice para a construção de sentido.

De acordo com os PCNs, a escola deve criar meios que contribuam para a expansão do repertório lexical do aluno de modo que ele seja capaz de fazer adequação de determinados termos à situação comunicativa. O objetivo do ensino do léxico, portanto, é fazer com que o aluno possa utilizar-se adequadamente dos vários sentidos das palavras e perceber os melhores efeitos do uso dos vocábulos em textos, fato que culminaria numa significativa comunicação textual.

A partir disso, então, podemos perceber que quanto mais o aluno estiver envolvido com atividades que envolvam o estudo do léxico em sala de aula, mais eficiente será a sua aprendizagem. O estudo lexical, enfim, se configura como uma atividade de suma importância para a proficiência linguística do aluno, isto é, para o domínio efetivo de ações linguísticas em situações de uso recorrentes. Nesse contexto de ensino lexical deve levar em consideração as expressões idiomáticas.

O léxico, então, deve ser ensinado visando a objetivos tais como capacitar o aluno para interpretar textos. Para Xatara (2001, p. 50), “uma maneira de se otimizar os resultados do processo de ensino e aprendizagem do léxico seria recortar instâncias diferenciadas. Um desses recortes poderia ser o das expressões idiomáticas”.

4- O ENSINO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

As expressões idiomáticas são definidas por Xatara (1998, p. 149) como “uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”. Assim, torna-se importante trabalhar as expressões em sala de aula de modo a ampliar a competência lexical dos alunos, ao fornecer-lhes meios de compreender tais fraseologias e como elas se relacionam com a língua.

Dentre vários autores que definem as expressões idiomáticas, além de Xatara (1998) já citada, destaca-se também Tagnin (1989, p. 43) que as classifica como:

expressões convencionais e idiomáticas, sendo que, às primeiras, pertenceriam os idiomatismos que podem ser compreendidos mediante a decomposição de seus termos, e, às segundas, as expressões idiomáticas, isto é, aquelas que não podem ser decodificadas literalmente, pois seu significado não resulta da somatória do significado dos elementos que as constituem.

Por seu caráter conotativo, as EIs, portanto, não devem ser confundidas com locuções; combinatórias usuais; perífrases verbais – de sentido denotativo; ditados, provérbios; sintagmas terminológicos. Dos itens lexicais citados, apenas os provérbios que devem ser compreendidos em sentido conotativo. Eles se diferenciam das expressões idiomáticas por transmitirem algum ensinamento.

Para compreendermos bem o conceito de expressão idiomática ilustraremos com o exemplo que Tagnin (1989) usou da expressão *bater as botas*. Nesta expressão, não podemos analisar seus constituintes separados, uma vez que procedendo assim não chegaríamos a seu significado real que é *morrer*. Como se pode ver, estamos falando de expressões cujo

significado foi convencionalizado. Entretanto, é importante ressaltar que existem algumas expressões que são convencionais, mas não idiomáticas, porque seu significado é transparente. A expressão *feliz aniversário* utilizada por FERRAZ & SOUZA (2004) é um exemplo do que seria uma expressão convencionalizada, já que é possível depreender o seu sentido através da soma de seus constituintes e, portanto, não possui caráter idiomático. Uma expressão idiomática, portanto, pode ser considerada como um “conjunto de palavras” que deve ser compreendido como um todo e não pelo significado individual de seus termos e, além disso, deve ser considerado o sentido figurado/conotativo da lexia.

Ao transmitirmos as nossas experiências, muitas vezes, lançamos mão de certas expressões. O uso de expressões, de um modo geral, é altamente produtivo. Essa produtividade se deve ao fato de que, em muitas situações sócio-interativas, o falante se vale de uma ou de outra expressão, ora para ser rapidamente entendido, ora para se inserir em determinados grupos. Nessa perspectiva, partimos da hipótese de que o falante ao utilizar as expressões idiomáticas metaforizadas obtém eficiência comunicativa.

Mesmo sendo de maior prestígio, a manifestação escrita da língua também lança mão do uso de expressões cristalizadas, para sintetizar ou definir toda uma situação de fala, enriquecendo o acervo cultural do falante.

Nogueira (2008) apud Ferraz e Cunha (2010) afirma que:

É importante trabalhar com a contextualização dessas expressões bem como o momento de seu uso e também o nível sócio-cultural do falante que as usam. Além disso, o ensino das EIs em sala de aula poderia ajudar o aluno a adquirir a competência gramatical, no sentido em que ele teria a capacidade de compreender e expressar significados através do reconhecimento de frases e expressões bem construídas. (FERRAZ & CUNHA: 2010, 71)

Embora sendo de natureza tipicamente oral, os fraseologismos citados já “invadiram” a linguagem da mídia. Hoje eles aparecem na TV, na rádio, no cinema, nos jornais, nas revistas (através da publicidade, por exemplo) atingindo também a modalidade escrita da língua na fala das personagens criados pelos escritores e na linguagem dos seus narradores. Com base nisso, o livro didático, por estar presente na maioria das salas de aulas brasileiras, deveria ser um “instrumento” de ensino de tais fraseologismos.

Como foi mencionado antes, as expressões idiomáticas não ganham tanta atenção no ensino de português como língua materna. Em recente trabalho, FERRAZ E CUNHA (2010) fizeram uma análise de alguns livros didáticos e perceberam que não é muito comum a presença dessas unidades fraseológicas em livros didáticos. A partir disso, então, este artigo propõe uma nova análise de livros didáticos a fim de verificar como as expressões idiomáticas estão sendo tratadas em sala de aula.

5- ANÁLISE DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NOS LIVROS DIDÁTICOS

Os dados analisados de forma qualitativa constavam em duas coleções didáticas (6º. ao 9º. anos do Ensino Fundamental) aprovadas no PNLD 2011. As coleções se denominam: *Tudo é linguagem e Português: uma proposta para o letramento*, ambas compostas por quatro volumes.

Em uma das atividades analisadas da coleção *Tudo é Linguagem* as expressões idiomáticas foram tratadas para exemplificar e diferenciar o que é sentido real e sentido figurado, como podemos perceber no exemplo 1, retirado do livro do 6º.ano.

Sentido real e sentido figurado Prof./a: o objetivo é fazer os alunos começarem a distinguir o sentido real do sentido figurado das palavras ou expressões da língua. Trata-se de uma introdução ao estudo da polissemia da linguagem.

Atividade escrita

- No texto *Hora de dormir* o autor usou algumas expressões fora do seu sentido próprio. Explique o que querem dizer as seguintes expressões do texto:
 - “Se der mais um pio” Se disser mais alguma coisa.
 - “Ele me descia o braço” Ele me batia.
- Considere *ao pé da letra*, isto é, em seu sentido próprio, as expressões da questão anterior. Que imagem lhe vem à cabeça? Desenhe-a em seu caderno. Depois, compare com as imagens que seus colegas criaram.

As palavras e expressões da língua têm um significado próprio, também chamado de literal ou real; e podem ter também um sentido figurado, isto é, um significado que lhes é atribuído por associação de ideias, por comparação com outros elementos.

- Em duplas, encontrem os significados das expressões sublinhadas nas frases:
 - Não me venha com conversa mole porque eu não tenho tempo a perder. Converse sem objetivos para passar o tempo, converse bobagem.
 - Você vai comer mais?! Isso é que é ter estômago de avestruz... Ter estômago de avestruz: comer de tudo sem que lhe faça mal.
- Você conhece a expressão “procurar pelo em ovo”? Observe as duas situações a seguir:

Situação a:
A professora diz para o aluno:
— Você está complicando muito as coisas com a sua mania de procurar pelo em ovo. Simplifique um pouco mais o que deve ser feito!

Situação b:



ZOCCHIO, Marcelo & BALLARDIN, Everton. *Pequeno dicionário ilustrado de expressões idiomáticas*. 4. ed. São Paulo: DBA, 1999. p. 49.

Em qual das situações (a ou b) a ideia expressa por “procurar pelo em ovo” está representada em sentido figurado? Na situação a.

(EXEMPLO 1)

O exercício utilizou as expressões “Se der mais um pio” e “Ele me descia o braço” encontradas no texto “Hora de dormir” para exemplificar e diferenciar sentido real e sentido figurado. Assim sendo, livro propõe que o aluno infira a partir de um pequeno contexto o significado de outras expressões como “conversa mole” e “ter estômago de avestruz”. Acreditamos que para o aluno resolver a questão, indutivamente, ele deve levar em consideração que não pode compreender essas expressões em seu sentido próprio conforme as explicações dadas nos exercícios anteriores. A partir de então a atividade propõe a análise da expressão “procurar pelo em ovo” através do contraste entre sentido real (a imagem) e sentido figurado posto em um enunciado “A professora diz para o aluno: Você está complicando as coisas com sua mania de procurar pelo em ovo. Simplifique mais o que deve ser feito!”. Embora, a expressão apareça em um contexto, o que é positivo no ensino das EIs, o exercício pede apenas que o aluno indique qual das situações está em sentido figurado, sem explorar outras características de tais fraseologismos, como as sintáticas, por exemplo.

Na página posterior, que será mostrada no exemplo 2, há uma continuação dessa atividade intitulada **Desafio** com o propósito de **Adivinhação**, pela qual o aluno, ao ver as imagens, deverá descobrir qual a frase que as fotos representam, ou seja, deve adivinhar qual é a expressão idiomática que cada imagem representa; além disso, também deve explicar o sentido figurado delas e ainda escrever um enunciado utilizando os dois sentidos apreendidos para cada uma das frases descobertas. O exercício trata as expressões idiomáticas como se fossem frases ou ditos populares. Como já retratado no trabalho de FERRAZ & CUNHA (2010), a utilização de imagem para demonstrar o sentido literal, enfraquece a principal característica desses fraseologismos: o caráter conotativo, metafórico e culmina na desconstrução dos mesmos.

DESAFIO

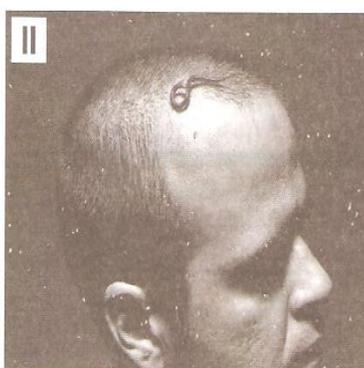
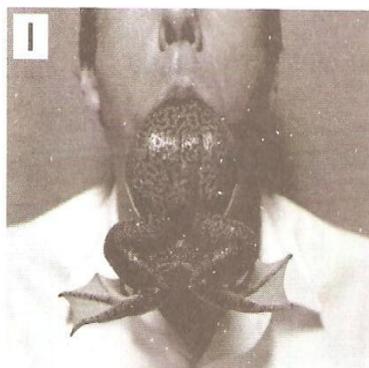
Adivinhação

Em duplas.

1. Vamos ver qual é a dupla que acaba primeiro?

- As fotos a seguir representam frases, ditos populares. Descubram qual a frase que estas fotos representam.
- Expliquem o sentido figurado de cada uma das frases ou dito popular.
- Quando terminar, a dupla deve levantar a mão para chamar o/a professor/a.
- Vencerá a dupla que primeiro tiver terminado de forma correta as explicações.

I. Engolir sapo: tolerar coisas desagradáveis sem responder. / II. Pôr minhoca na cabeça: preocupar-se com bobagens. / III. Pisar na bola: cometer uma falta com alguém, combinar um compromisso e não cumprir.



ZOCCHIO, M. & BALLARDIN, E., op. cit.

2. Escolham uma das fotos acima e escrevam uma frase:

- em sentido próprio; *Sugestão: Paulinho chegou correndo, pisou na bola e levou um tombo.*
- em sentido figurado. *Sugestão: Você não apareceu na minha festa: pisou na bola comigo.*

EXEMPLO 2

Em outro exemplo (número 3) também retirado do livro do 6º. ano da mesma coleção, as expressões idiomáticas são tratadas como ditos populares e apresentadas numa sessão de curiosidade, conforme se vê a seguir:

Curiosidade

“... a bruaca do retrato já *está com os dois pés na cova!*”

Como você já sabe, a expressão destacada é um dito popular. Há muitas expressões populares construídas com a palavra *pé*. Veja:

pé quente: pessoa de sorte;	com um pé atrás: com desconfiança;
ao pé da letra: literalmente;	pé de valsa: grande dançarino;
ao pé do ouvido: em segredo;	pé de vento: forte ventania;
ir num pé e voltar no outro: não demorar;	em pé de igualdade: de igual para igual.

Prof./a: mostre aos alunos que o significado dessas expressões deve ser buscado no dicionário pela palavra principal – no caso, *pé*.

JOGO RÁPIDO

Agora é com você. Junte-se com um colega para descobrir os possíveis sentidos das expressões abaixo. Depois, formem frases em que essas expressões possam ser empregadas.

- a.** Dar pé **b.** Dar no pé **c.** Em pé de guerra **d.** Pegar no pé

a. Ter altura suficiente para ficar com a cabeça fora da água, num rio, numa piscina, no mar; ser possível; **b.** retirar-se, fugir; **c.** com ânimo exaltado, pronto para brigar; **d.** importunar, incomodar alguém.

EXEMPLO 3

A partir da expressão “*estar com os dois pés na cova*” que ocorreu no texto lido na unidade, foram propostas outras expressões com seus significados, pedindo em seguida que o aluno “descobrisse” o sentido de outras, entretanto, fora de contexto. O exercício, mais uma vez, se limitou ao aspecto semântico das expressões idiomáticas.

Ainda na coleção *Tudo é linguagem* houve mais um registro das expressões idiomáticas, retirado do volume do 9º.ano. Assim como no volume do 6º. ano, as EIs apareceram como curiosidade a respeito da língua, além de exemplificar a metonímia – partes do corpo que representam ideias, conforme mostra o exemplo 4.

Curiosidade

Confiram essas expressões populares que empregam, em metonímias, partes do corpo para representar ideias:

passar a perna: enganar

falar pelos cotovelos: falar muito

custar os olhos da cara: custar caro

comer com os olhos: desejar muito, com gulodice

ficar com água na boca: ter vontade

agarrar com unhas e dentes: ter firmeza

trocar os pés pelas mãos: enganar-se

entrar com o pé direito: começar bem alguma coisa

deixar as barbas de molho: ficar prevenido

ter o olho maior que a barriga: ser guloso

EXEMPLO 4

Nos volumes do 7º. e 8º. anos desta coleção não foram encontrados nenhum registro das EIs.

As expressões idiomáticas, mesmo que timidamente, foram encontradas também na outra coleção analisada intitulada *Português: uma proposta para o letramento*.

O exemplo a seguir (número 5) foi retirado do volume do 6º. ano.

Unidade 3 QUE SOM É ESSE?

Houve, no Rio de Janeiro, o caso de uma escola estadual onde alguns professores tiveram de parar de dar aula porque era impossível competir com o barulho que vinha das ruas. De tanto gritar para que seus alunos ouvissem, esses professores tiveram sérios problemas de garganta.

Pior do que não conseguir estudar é não conseguir dormir. Acordar durante a noite por causa de barulho pode ser muito prejudicial à saúde, ainda mais se isso acontecer com frequência.

Botando a boca no trombone

Como foi dito no começo desta matéria, existem limites, que mudam de acordo com o local e a hora do dia, para vários tipos de ruído. Se o som estiver tão alto a ponto de incomodar nossos ouvidos, é provável que ele esteja passando desses limites. Então, a solução é reclamar com as autoridades.

Se o problema for o barulho dos carros, deve-se reclamar com o departamento de trânsito do governo estadual. Se o ruído vem de alguma indústria, quem responde é o órgão de controle ambiental do estado. Agora, se o incômodo som estiver vindo da casa do vizinho, do bar da esquina, do clube mais próximo, ou qualquer coisa assim, aí a responsável é a prefeitura da cidade.

Hã?! O quê??
Repita, por favor!

Estamos tão acostumados a viver no meio de tanto ruído que não nos damos conta dos problemas que eles causam em nossa saúde. O mais comum é a interferência no sono, fazendo com que a gente sinta dificuldade em adormecer, tenha um sono agitado, ou mesmo acordar já se sentindo cansado!

A Organização Mundial da Saúde prevê certos limites que devem ser adotados pelos países para diminuir a poluição sonora. Por exemplo, em um local onde há pessoas dormindo, o barulho não pode ultrapassar 35 dB. (Veja boxe da página ao lado.)

Quando ficamos expostos a um nível superior a 60 dB, apresentamos dificuldades em ouvir pessoas próximas, assistir a um programa de TV ou mesmo falar ao telefone. Se ficamos expostos a níveis maiores que 80 dB, podemos até ficar surdos! Isso, é claro, depende de quanto tempo ficamos expostos a tamanha barulheira! É comum operários de indústrias apresentarem problemas de audição. Mas o risco não está tão longe da gente assim, não! Se diariamente ficarmos ouvindo *walkman* no volume máximo, podemos também sofrer danos em nossos ouvidos!

Jules Ghislain Slaim
e Denise da Silva de Sousa,
Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

174

A expressão “*Botando a boca no trombone*” foi utilizada como subtítulo de um texto jornalístico. O livro didático a tratou em um exercício de interpretação escrita do texto, dando enfoque a seu caráter semântico. O interessante desse exercício é a sugestão dada pelo manual do professor. “Levar os alunos a recordar o som do trombone, mencionado no poema anteriormente estudado, para que compreendam a imagem: palavras enérgicas de reclamação, de protesto, são comparadas ao ‘vozeirão’ do trombone.” (SOARES, 2002:176) Aqui não teve a imagem (figura) do sentido real da expressão, mas por essa explicação, houve um enfraquecimento da característica mais significativa das EIs: a conotação. Outro exemplo (número 6) parecido com este constava no volume do 8º. ano, como se pode ver a seguir:

Leitura silenciosa



O sonho de ser dono do próprio nariz

Dirigir, beber e entrar em boates são,
para menores, as vantagens de ser maior

Inês Amorim

Chiquinho tem 16 anos e, para impressionar as meninas e tirar onda de mais velho, anda com uma chave de carro pendurada no chaveiro, que fica sempre à vista, preso à calça. Parece brincadeira, mas é sério. Chiquinho é amigo de Júlio [...], de 15 anos, que, como a maioria dos garotos de sua idade, também tem vontade de ser mais velho.

— Queria poder dirigir. Para quê? Ah, para poder levar as garotas em casa e não ter que depender dos pais para buscar nas festas — diz Júlio.

Aparentando bem mais do que seus 14 anos, Guilherme [...] garante que nunca mentiu sobre sua idade. Para ele, ter 18 anos não é tudo:

— Queria ter logo 21, pois com 18 anos você ainda deve satisfação aos pais. O bom de ter carro é que qualquer um, mesmo sendo feio, leva uma menina para casa depois de uma festa. É sério! Qual a menina que gosta de voltar a pé ou de ônibus? — argumenta.

Edson [...], de 15 anos, cita outras vantagens de ser maior de idade:

— Poder ir a boates sem correr o risco de ser barrado na porta, tomar cerveja e não ter hora para voltar para casa — lista Edson.

A responsabilidade que chega junto com a maioridade

André [...], de 16 anos, também queria poder voltar mais tarde para casa, de carro, mas acha que ainda não está preparado para dirigir.

— Acho que 16 anos ainda é muito cedo para dirigir. Até os 18 a gente amadurece, ganha mais experiência. Não sei se teria maturidade para dirigir sozinho, só acompanhado por alguém mais velho.

Como ele, sua namorada Júlia [...], de 15 anos, também busca a responsabilidade.

— Não tinha vontade de ter 18 anos, mas de poder fazer as coisas que os mais velhos podem com a idade que tenho. Queria ter a liberdade para fazer o que quiser. Não só para entrar em lugares proibidos para menores, mas para poder trabalhar, ter o meu próprio dinheiro, ter mais responsabilidade. Deve ser bom responder pelos seus atos, sem depender de mais ninguém — acredita Júlia.

É justamente essa responsabilidade que Júlia procura que as amigas Soraya [...] e Maria [...], ambas de 14 anos, acham a única coisa ruim de ser maior de idade.

— O ruim é que com 18 anos a adolescência já está acabando. Você

EXEMPLO 6

O exemplo a seguir (número 7) foi extraído do volume do 7º. ano.

Unidade 2 O QUE É... PODE NÃO SER

Antigamente

Antigamente, as moças chamavam-se *mademoiselles* e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio. E se levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia.



Caminhos de João Brandão. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 110.

a. Pesquise, consultando dicionários ou perguntando a pessoas idosas, o significado das palavras e expressões de antigamente que aparecem nesse texto e que você não conhece; escreva os significados em seu caderno. *Resposta pessoal. As palavras e expressões antigas do texto são ainda encontradas em dicionários modernos.*

b. Para algumas palavras e expressões do texto, à sua escolha, escreva as palavras e expressões correspondentes no modo de falar de hoje. *Resposta pessoal.*

EXEMPLO 7

Destacamos aqui as expressões: *completar primaveras; faziam-lhes pé-de-alferes; arrastando asa; ficavam (...) debaixo do balaio; levavam tábua; tirar o cavalo da chuva; pregar em outra freguesia*. O que é pedido sobre essas expressões é a consulta de seu significado em um dicionário ou a pessoas idosas. No manual do professor há uma instrução dizendo que os dicionários modernos trazem o significado dessas expressões. Entretanto, embora não constitua objetivo deste artigo, vale a pena comentar que há uma problemática sobre a entrada das expressões idiomáticas em dicionários conforme no diz (Xatara, 1998) e assim sendo como se daria essa consulta? A partir de qual dos termos? Pois bem sabemos que não há uma entrada específica para as expressões idiomáticas. Além disso, o texto contém várias EIs, mas elas não foram assinaladas para o aluno, de modo que se torna complicado compreender o sentido de muitos termos do texto em questão, pois como os alunos não saberão que muitas palavras não terão sentido isoladamente, uma vez que fazem parte de expressões.

Outra ocorrência de expressão idiomática, conforme mostra o exemplo 9, foi encontrada no volume do 9º.ano. O contexto dessa expressão é o verbete de um dicionário que explica o sentido do termo *tiguera*, utilizado, por sua vez, para explicar o termo *abatiguera* que constava em um texto.

Vocabulário



Você vai analisar uma das “palavras que ninguém diz” citadas na crônica. Antes de responder às questões, leia com atenção as informações abaixo.

- ◆ Releia esta frase do último parágrafo:

“Não posso falar que sua cabeça mais parece uma **abatiguera**, porque, a bem dizer, você nunca plantou nada aí, e em consequência nada aí se pode colher.”

- ◆ Veja como aparece o verbete **abatiguera** num dicionário:

abatiguera. S.f. Bras. V. **tiguera**.



Esse verbete manda ver (V.) o verbete **tiguera**:

tiguera. [Do tupi = ‘galhos secos’.] S.f. Bras. SP a RS **1**. Milharal já colhido e extinto. **2**. Roça depois de efetuada a colheita. [...] Sin. ger.: *abatiguera* e (MG) *palha, palhada*.] ◆ **Cair na tiguera**. Bras. SP a RS V. *fugir*.

Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.
3. ed. rev. e atual. Curitiba: Positivo, 2004. p. 1948.

155

EXEMPLO 9

Ressalte-se nesse exemplo a expressão idiomática “*Cair na tiguera*.” Mais uma vez o interesse pela expressão foi apenas pelo seu sentido na construção de uma frase, conforme está no exemplo 10 a seguir.

Consultando o verbete, identifique:

- Em que parte do território brasileiro a palavra *abatiguera* é usada como sinônimo de *tiguera*?
- Que palavras são usadas no estado de Minas Gerais como sinônimos de *tiguera*?

- 4 Construa uma frase com a expressão *cair na tiguera*.

EXEMPLO 10

Pelos exemplos analisados, portanto, pudemos perceber que há uma significativa exploração do caráter semântico das expressões idiomáticas, embora elas não sejam tratadas com essa nomenclatura pelos livros didáticos.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se trata do ensino de português como língua materna, as EIs não ganham a devida importância. Importa ressaltar aqui a existência de poucos trabalhos voltados especificamente para o tema, principalmente no que diz respeito a como trabalhá-lo em sala de aula. Esse fato é sustentado por vários motivos, entre eles a escassez de material didático na área, e também, o preconceito existente talvez pelo aspecto coloquial que lhe é peculiar. Todavia, o estudo das EIs no âmbito do português como língua materna é importante e se explica pelo fato de que essas unidades fraseológicas fazem parte do cotidiano de várias comunidades linguísticas e também são fontes ricas de conhecimento. Nesse sentido, seria importante o ensino das EIs dentro da sala de aula para que o aluno tenha a oportunidade de conhecer as discussões a elas inerentes.

Percebemos por esta análise que nenhuma das coleções didáticas continha atividades relacionadas exclusivamente às expressões idiomáticas. Foram usadas ora para exemplificar e diferenciar sentido real e figurado, ou então como curiosidade da língua, ou ainda como parte constituinte de um texto ou de um verbete de dicionário.

O foco de estudo das EIs era reconhecer o sentido delas, construído dentro de um determinado contexto. Mesmo discretamente e com nomenclatura diversas, as EIs estão nos livros didáticos analisados, entretanto, é necessário ampliar a forma de abordá-las, uma vez que o tratamento dado a elas ficou muito restrito ao seu conteúdo semântico.

Se de um lado encontramos EIs por toda parte, por outro são raros os estudos específicos sobre elas. A importância desses estudos é inegável, porque elas representam unidades de base, que como as palavras simples devem ser integradas sistematicamente no inventário dos elementos lexicais. Embora as EIs encontrem-se no nível coloquial, não há porque dizer que o que elas expressam seja inaceitável.

7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé (2007). *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial.

BORGATTO, Ana Maria Trinconi; BERTIN, Terezinha Costa Hashimoto; MARCHESI, Vera Lúcia de Carvalho. (2009) *Tudo é linguagem (6º. ao 9º.ano)*. 2ª.ed. São Paulo: Ática.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto (1998). *Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º. e 4º. Ciclos do ensino fundamental – Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF.

COSTA VAL, Maria da Graça (1997). *Da frase ao discurso*. Belo Horizonte: FALE/UFMG. (mimeo) p. 1-19

FERRAZ, A. P; SOUZA, K. C. (2004) *O uso de expressões idiomáticas em textos publicitários*. Maestria, Sete Lagoas. 1, n. 1, p. 143 -153.

FERRAZ, Aderlande Pereira. CUNHA, Aline Luiza da. (2010). Expressões idiomáticas na sala de aula de língua materna: o tratamento dessas unidades lexicais no livro didático. IN:

ALVES, Ieda Maria. [Et. ali] (orgs.) *Estudos lexicais em diferentes perspectivas*. (recurso eletrônico) São Paulo: FFLCH/USP. pp.70-78.

SOARES, Magda (1998). Concepções de linguagem e o ensino da Língua Portuguesa. IN: BASTOS, Neusa Barbosa (org.). *Língua Portuguesa: história, perspectivas, ensino*. São Paulo: EDUC. p. 53-60.

_____ (2002) *Português: uma proposta para o letramento (6º. ao 9º. ano)*. São Paulo: Moderna.

TAGNIN, Stella Esther Ortweiler (1989). *Expressões idiomáticas e convencionais*. São Paulo: Ática.

XATARA, Cláudia M. (1998) *O campo minado das expressões idiomáticas*. In: *Alfa - Revista de Linguística*. São Paulo, v. 42, n. esp. 1998, p. 147-159.

_____ (2001) *O ensino do léxico: as expressões idiomáticas*. In: *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Campinas: n°37, p.49-59.